Vanna Puviani
A arte de curar com a arte

Psicóloga e psicoterapeuta, docente na Universidade dos Estudos de Bolonha, Itália, VANNA PUVIANI * esteve recentemente no Brasil, em Belo Horizonte e Rio de Janeiro, dando ciclos de formação para profissionais da área. Sua proposta: é a beleza que cura.

– A arte cura?

– Sim, responde ela. Através da arte, vou despertar as artes da pessoa para procurar a beleza presente em toda parte e em cada ser humano. Através de gestos criativos como a escrita, a pintura, o desenho, o canto, a dança... Através da prática orientada das artes, ajudo as pessoas a procurar o contato de cada um com sua própria alma, com a própria casa e com os próprios entes queridos.

Eu gosto de pensar que a via mais agradável e mais profunda e, por isso mesmo, mais eficaz para o encontro mente/corpo, pelo encontro entre consciente e inconsciente, seja a via não-verbal, porque exatamente através da arte pode-se despertar o impulso criativo e vital das pessoas, que é anestesiado no sofrimento. Oferecer à pessoa um pincel, uma caneta, cores e folhas brancas é como oferecer a oportunidade de uma escuta preciosa de si mesmo, é como oferecer um convite para que ela se pinte, se fale e dê cores à própria história, para reconhecê-la em sua beleza e apreciá-la em sua unicidade.

– É preciso abrir os olhos...

– Todo ser humano procura pela beleza, que não está nas obras de arte ou em eventos excepcionais, mas está no "aqui e agora", está em nosso modo de olhar e apreciar tudo o que nos circunda.

E a maior obra de arte que nos é permitido realizar é aquela de dar uma forma, uma voz, cores e uma visibilidade à própria individualidade única e irrepetível. E como toda obra de arte atrai nossa atenção e nos emociona, assim um indivíduo que decidiu ser ele mesmo torna-se objeto de atração e de admiração, é um espetáculo, rouba-nos o sorriso! Eu convido cada pessoa a se ver como uma obra de arte.

– Por que utilizar o desenho no processo terapêutico?

– Porque o desenho torna logo visível um mundo interior, de outra forma invisível, escuro, não reconhecível. Através do desenho, as imagens da mente ganham luz, cor, forma e movimento sobre a folha branca, e depois continuam a falar ao seu autor que as contempla, e a suscitar ainda outras imagens, em um diálogo de autorreconhecimento rico e fascinante.

A imaginação é a voz do coração. Com o mover-se das imagens, os sentimentos despertam. Eu gosto de ver a psicoterapia assim: uma arte que cura as atividades imaginativas da pessoa, suscita-as, desperta-as e fá-las sair através do desenho, da narrativa, da escrita, para torná-las visíveis e conhecíveis. Como se a imaginação se fizesse de espelho e nos oferecesse, refletidas, as imagens da psique que, de outra forma, seriam invisíveis.

– Entrar em casa e sair de casa?

– Eu gosto de ajudar a pessoa a pensar que existe um modo de atingir as profundezas da mente e existe o modo de ganhar intimidade com suas próprias imagens. A beleza está naquele espelho, está na folha que tem à sua frente, sobre a qual exprime o próprio gesto, o movimento, a cor, a forma, os cheios e vazios, e enfim ver ali composta a própria imagem, que antes era apenas interior e invisível.

E mesmo sem jamais interpretar o desenho, como não se interpreta um quadro ou um trecho musical, onde está o seu efeito benéfico? Está nas emoções que suscita ao contemplá-lo, nas conexões que se ativam em seu autor. O desenho se torna autorrevelação.

– Nossa sociedade está doente?

– Não são apenas o câncer e as doenças cardíacas as principais causas de enfermidade e os principais sinais de morte, mas também a feiura. É tudo aquilo que não nos corresponde, é tudo o que é tedioso, cansativo, é falta de paixão: tudo isso é que mata o coração.

A cura? Procurar a beleza dentro de nós e em volta de nós. O belo é tudo aquilo que nos corresponde, nos atrai, nos maravilha e nos apaixona. Reconhecer os sinais da beleza e da feiura é, para mim, uma modalidade de imaginar a saúde e a doença. Nossa psique pode cair doente por causa das imagens negativas que sofre, mas também pode curar-se com imagens positivas, quando encontradas e reconhecidas como próprias.

Quando a pessoa está sofrendo, quando está no escuro, ela se move para buscar a luz. A dor é o sintoma, e eu a acolho como sinais de vida nova que aponta, que quer sair. Como as dores do parto que a mãe sente são o sintoma que prenuncia aquela graça extraordinária que é o nascimento, assim, creio eu, pode ser vista a dor, o sofrimento, a enfermidade: como uma graça, um sinal premonitório do despertar em ato, que deve ser reconhecido e provocado, com convicção e força, para ativar o grito que desperta para a vida. Se o coração é provocado, faz-se sair o belo para que gere o bem.

FOTOS/REPRODUÇÃO

– Em suma, a beleza vem salvar o homem...

– "É a beleza que salvará o mundo" – nos propõe Dostoiévski, em seu romance "*O Idiota*", ideia que circula pelo mundo, que atrai, inspira, suscita. O escritor russo nos propõe este aspecto salvífico da beleza entendida como capacidade de curar o mal através de sentimentos movidos pelo bem, pelo amor. É fantástico!

E se nos experimentássemos inverter a afirmação de Dostoiévski? E imaginar que "o mundo deve salvar a beleza"? Esta é minha proposta. E agora, como salvar a beleza? Como buscá-la? Como desejá-la? O mundo deve salvar a beleza, esta é minha paixão e minha procura. As pessoas que sofrem vêm buscar a beleza, para salvá-la, para reconhecê-la dentro de si mesmas e em volta de si, nos sinais e nos traços do dia-a-dia, para não mais perdê-la.

– Que podem fazer os professores e educadores?

– A beleza está em toda parte, em toda pessoa, em toda situação, em todo momento, desde que a busquemos e a desejemos. Proponho aos professores a procura de maneiras "belas" para dar voz, luz e visibilidade à beleza que está em toda parte, à beleza que é explosão da vida dentro de nós, em volta de nós, graças a nós.

Então, o seu trabalho não é mais uma profissão, mas uma arte a ser descoberta para apreciar a arte que cada pessoa é, que cada criança nos propõe em toda a sua grandeza. Através dos estudantes que desenham, eu proponho aos professores que olhem o mundo com os olhos das crianças. Convido os professores a se escutarem, para despertar o desejo de seguir as próprias atrações e as próprias paixões, para reconhecerem as das crianças.

Os gregos chamavam esta riqueza o "*daimon*"; os latinos, o "*genius*"; para os românticos, o "*coração*"; em certas culturas, é o "*anjo*"; nas histórias, é a alma-animal; para nós, europeus, é o "*talento*". Em todos os casos, estas culturas consideram a paixão-atração um espião do talento.

– Você nos faz um convite?

– Então, o convite a todos nós, a todos os adultos que se ocupam das crianças, é o de cuidar de nós, de nossas artes, das nossas paixões, da nossa casa, do nosso jardim, das nossas relações com as pessoas, com as coisas, com as ideias, para propiciar encontros especiais a cada dia e vivermos como enamorados.

É um convite a re-ver e re-imaginar continuamente a própria vida, para poder ver a face das coisas com os olhos das crianças, isto é, com um olhar sempre novo, que sempre carrega maravilhas. E, para concluir, passo a vocês meu afetuoso convite:

A beleza para nos curar

Pegue a caneta e comece a escrever.
Pegue o pincel e comece a pintar.
Ou transforme o grito em cântico
E a agitação em dança
E o frenesi em música.
*Dediquem-se à **sua** arte.*
Cultivem o seu jardim.
Aquilo que se move não congela.
Movam-se, pois,
E continuarão a se apaixonar!

(Entrevista concedida, via Internet, a A. C. Santini)

* Autora de "*Le storie belle si raccontano da sole. Il disegno para comunicare con il bambino e per curare le sue ferite*"; Ed. Junior, Bergamo, 2006; e de "*Il canto dela luna. Quando la psicoterapia si fa poesia*"; Ed. Armando, Roma, 2010. Vanna Puviani volta ao Brasil em novembro de 2011, para um curso de formação para profissionais da educação e psicólogos, em Belo Horizonte, MG. ■